



Os caminhos percorridos para se chegar à docência em Geografia: Uma narrativa (auto)biográfica

Resumo: Ter condições adequadas para o desenvolvimento das práticas pedagógicas é um dos pilares importantes para efetivação de um processo de ensino de qualidade, considerando as condições de trabalho impostas aos docentes, desde os baixos salários até à precarização do ensino. Pensar a realidade atual do professor necessita compreender e debater acerca dos caminhos que o levaram a escolha de sua profissão e quais foram as dificuldades encontradas. Nesse sentido, o presente artigo propõe apresentar o perfil docente brasileiro em que há professores assumindo disciplinas que não são sua formação acadêmica, principalmente no campo das Ciências Humanas, além disso, busca-se abordar contrapontos de visão entre o profissional docente no início da carreira e no final dela. Para construção da pesquisa seguiu-se o método dialético diante de uma abordagem metodológica qualitativa pautada em narrativas autobiográficas. Os procedimentos metodológicos foram divididos em duas fases: a teórica, que contou com leituras e fichamentos acerca da temática abordada e a fase prática, a qual consistiu no convite e entrevista propriamente dita. A fim de obter melhor compreensão da realidade docente atual em escolas públicas e de sua precarização, as entrevistadas foram duas professoras: uma delas formada em geografia que leciona na área e outra formada em história que ministra aulas de geografia. Acredita-se que o método de pesquisa escolhido foi de grande valia, pois permitiu ouvir narrativas dos próprios professores, entender como ocorrem suas relações com o ambiente escolar e melhorar a compreensão acerca de diversos debates da área de pesquisa em ensino.

Eduarda Caroline Brum ^{1A}, Josiane Oliveira de Campos

1 - Universidade Federal de Santa Maria

A - contato principal : eduardabrumgeo@gmail.com

Introdução

A beleza do *status* de ser docente no Brasil, profissão tão valorizada há algumas décadas atrás, não reproduz a veracidade dos fatos vivenciados na atualidade. As condições de precarização do trabalho, especialmente sob condições do ensino básico, vão além da má remuneração, entrelaçando-se com a qualidade de vida pessoal que se prejudica (RAUBER, 2021).

De toda forma, ter condições adequadas para o desenvolvimento das práticas pedagógicas é um dos pilares importantes para efetivação de um processo de ensino de qualidade. Nesse sentido, Caldas (2007, p. 77) define que “as condições de trabalho são o conjunto de recursos que possibilita uma melhor realização do trabalho educativo, e que envolve tanto a infraestrutura das escolas, os materiais didáticos disponíveis, quanto os serviços de apoio aos educadores e à escola”. Assim entendendo que quando se trata de local adequado para o desenvolvimento das práticas pedagógicas, se assume esse conjunto.

No entanto, verificar a falta dessas condições conjuntas no ambiente escolar é bastante recorrente, estabelecendo, inclusive, uma percepção constante ao longo das últimas décadas. Essa linha é verificada em Carissimi e Trojan (2011, p. 63) apontando que “as reformas educacionais postas nas últimas décadas trouxeram à tona uma nova reestruturação do trabalho [...] revelando-se, conforme já indicado, significativamente precarizado”. Assim, cabe também no presente artigo a denúncia para com a qualidade e apoio que se oferta aos docentes na atualidade.

Diante disso, pensar a realidade atual do professor, e aqui em especial o de geografia, imbrica debater acerca de diversos fatores que fizeram com que este profissional chegasse até a sala de aula, perpassando a academia e o que ele carrega consigo através de sua vivência escolar. Realizar denúncias e apontamentos referente ao chão do trabalho profissional e a

experiência coletiva também é uma necessidade, pois começa-se na formação inicial e se esvai por toda docência.

De acordo com Silva (2021) a formação do professor de Geografia é uma etapa fundamental para a busca da autonomia intelectual e o desenvolvimento das articulações entre o conhecimento teórico e prático para a atuação em sala de aula. Isso se deve porque “a formação docente compõe um conjunto de ações, sujeitos e processos, a partir da mobilização de diferentes saberes em contexto” (GIROTTO; MORMUL, 2019, p. 421).

Seguindo a perspectiva de que a Geografia assume um papel importante na sociedade, já que seu objeto de estudo se pauta na intersecção entre o agir antrópico e os resultados dele sobre a natureza, é imprescindível pensar que “[...] os professores Geografia têm o desafio constante de desenvolver um trabalho docente que resulte em uma aprendizagem significativa para os alunos” (CAVALCANTI, 2010, p. 368), uma vez que, somente a partir da interação do educando com o meio em que vive é que o fará se sentir membro daquele espaço, como cidadão consciente que respeita seus direitos e deveres.

Nesse mesmo sentido, Castrogiovanni, Callai e Kaercher (2022), apontam que o educando precisa ser ativo nas suas proposições e na construção do seu próprio processo de conhecimento, sendo necessário o professor oportunizar condições e estratégias metodológicas para isso. Considerando que após a graduação em licenciatura o professor de Geografia estará apto para assumir carga horária regente, se aponta, além de condições de trabalhos adequados (conforme supracitado), a necessidade de garantir uma formação inicial de qualidade ao docente.

No que tange a esse aspecto, Girotto e Mormul (2019) apontam sobre a demanda de uma formação em um formato que englobe ensino, pesquisa e extensão, permitindo que o futuro professor aprenda também na prática, sob orientação, e que a partir disso possa refletir sobre o trabalho docente, bem como formular as primeiras ideias da condição para o desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem significativos.

Em vista disso, Martins (2015) evidencia que muitas vezes, os futuros professores são levados a acreditar que para desenvolver a docência basta se munir de um conjunto de saberes adquiridos durante a formação inicial, como se este repertório de conhecimentos fosse capaz de dar conta de todas as questões que envolvem o cotidiano da escola e da sala de aula; como se fosse possível prever todos os passos pertinentes à docência (MARTINS, 2015, p. 252).

Uma das responsáveis pelo estabelecimento desta visão é a própria universidade, que constrói o licenciado majoritariamente com conteúdos teóricos, que fundamentam suas disciplinas de formação. No entanto, o ser-fazer docente extrapola os limites do conteúdo base, adentrando uma necessidade prática de controle e ação da relação professor-aluno.

Por outro lado, embora não sejam somente os conteúdos programáticos que fazem o cotidiano estudantil, este ainda é o pilar fundamental, já que os discentes vão para as dependências da escola para fundamentar sua bagagem/formação pedagógica. Diante disso, necessitam de um professor confiante de sua bagagem de conteúdos.

Diante do exposto, considerando toda a importância pautada na preparação inicial do professor de geografia, a preocupação incisiva do presente artigo é investigar o fato de que nem todos os docentes que ministram essa disciplina na escola possuem graduação em Geografia. Essa intrigante questão faz com que desperte a busca por um entendimento melhor deste fator, sendo necessário provocar uma discussão sobre os motivos que levam docentes formados em outras áreas a assumirem essa disciplina.

Secundariamente, o presente artigo propõe apresentar contrapontos de visão entre o profissional docente no início da carreira e no final dela, sobretudo referente às perspectivas

de melhorias de infraestrutura, condições de trabalho e remuneração. De antemão, convém dizer que a hipótese inicial era de que os apontamentos fossem amplamente distintos entre os membros que compuseram o universo da pesquisa.

Para consolidação da proposta, utilizou-se o método (auto) biográfico, o qual se faz imprescindível para estabelecer um debate significativo nesta temática pois, segundo Menezes (2021), ao narrar, mediante o uso da linguagem, o sujeito seleciona memórias, ressignifica o passado no momento presente e projeta um futuro.

Nesse mesmo sentido, Abrahão (2003) aponta que a memória será o fator primordial para pesquisas que recorrem a esse método, pois ela é o objeto que o pesquisador irá utilizar para construção da análise e compreensão da finalidade do estudo. Ademais, a mesma autora (2003, p. 81) enfatiza que “as narrativas permitem, dependendo do modo como nos são relatadas, universalizar as experiências vividas nas trajetórias de nossos informantes”, mostrando que, ao entrelaçar os relatos desses sujeitos junto à momentos históricos, é possível contextualizar uma temporização de momentos comuns aos profissionais da área.

O debate em questão se faz a partir das histórias de vida contadas por duas professoras: uma formada em Geografia e que atualmente ministra aulas na disciplina, e a outra licenciada em História, mas que possui carga horária regente em Geografia. Desta forma, buscaremos compreender os caminhos percorridos pelas entrevistadas até chegarem em seus cargos atuais e quais são as principais dificuldades encontradas em sala de aula.

Metodologia

A proposta apresentada no presente trabalho segue o método pós-moderno autobiográfico, diante de uma abordagem metodológica qualitativa, a qual, para Menezes (2022) é aquela em que o interesse central da pesquisa são os processos e não os produtos ou resultados finais. A autora ainda aponta que nesta modalidade de pesquisa, o investigador deve se dirigir ao campo de estudos/público-alvo da pesquisa, visando conhecer e compreender na prática a realidade que concerne seu objeto de estudo.

A aderência a essa abordagem se deve porque a modalidade de material que se idealiza apresentar é voltada à autobiografia (ou método autobiográfico), tendo em vista uma melhor compreensão da realidade docente atual em escolas públicas. A autobiografia, conforme Silva (2019) contribui para construção de um pensamento fundamentado acerca da formação do profissional docente a partir da visão desses sujeitos, dando a oportunidade para que narrem suas próprias trajetórias.

Para tanto, o trabalho se divide em duas etapas principais: teórica e prática.

a) Fase Teórica: Fundamentada em leituras e fichamentos acerca da temática escolhida, buscando definir um caminho de análise para a pesquisa. A partir dessas premissas, baseado especialmente em Giroto e Mormul (2019), os quais discutem o perfil dos professores de geografia no Brasil, foi definido que o norte primordial será a apresentação do ponto de vista de duas professoras que ministram aulas de geografia, sendo uma delas lince licenciada em Geografia e a outra Licenciada em História. A saber, ambas atuam em escolas da Rede Estadual do Rio Grande do Sul, limitando-se ao município de Santa Maria/RS como território de abrangência.

De maneira secundária, buscando aportar maior relevância ao trabalho, se firmou, com base nos preceitos de Huberman (1992), Viana; De Almeida (2017), que as docentes entrevistadas deveriam ter distintos períodos (anos) de atuação no ensino básico, para

que assim seja possível estabelecer diferentes visões da realidade escolar e dos ciclos de vida profissional. Nessa perspectiva, uma das docentes (licenciada em Geografia) é uma professora de apenas dois anos de experiência na docência, enquanto a outra (licenciada em História) possui 18 anos de atuação docente e irá se aposentar no final do corrente ano (2022).

Cabe informar que uma das professoras atua, em 2022, com Ensino Fundamental e a outra com Ensino Médio. No entanto, em razão de ambas já terem tido experiência profissional com essas duas etapas da escolarização, não foi levado em conta as séries que ministram atualmente, pois trata-se de uma visão completa de suas trajetórias docentes, e não apenas a atualidade.

Tendo em vista que as decisões referentes à público-alvo e método haviam sido estabelecidas, foi redigido um questionário semiestruturado (apêndice A) com questões que envolvem a trajetória de formação escolar das docentes, desde seu primeiro contato de instrução de ensino (creche/ensino primário), perpassando o ingresso na universidade (investigação dos fatores que levaram a escolha da licenciatura), a inserção no mercado de trabalho e a vivência escolar atual.

Conforme Triviños (1987, p. 146) essa modalidade de questionário “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, uma vez que a entrevista segue de forma mais livre em relação às respostas mas mantém a atuação do pesquisador no processo de coleta de informações. Ainda nesse sentido, a semiestruturação do roteiro de perguntas permite uma melhor organização do diálogo, facilitando para que não seja esquecida nenhuma questão pertinente e indispensável para corroborar com as teorias estudadas.

b) Fase Prática: Com as compilações teóricas estabelecidas, foi realizado o contato/convite às professoras, explicando-lhes o viés do trabalho; ambas prontamente se colocaram à disposição de participar da pesquisa, embora estivessem em sua semana de recesso escolar (férias de inverno). Diante da situação, foi alterado o formato de entrevista (que seria presencial), passando a ser utilizado o *Google Meet* como plataforma de realização.

A fins de caracterização do universo da pesquisa, cabe trazer aqui algumas informações. A primeira entrevistada (Licenciada em Geografia) é uma jovem de Caxias do Sul/Rio Grande do Sul, residente de Santa Maria/RS há 6 anos. Foi estudante de escola privada durante toda sua formação escolar e prestou curso pré-vestibular durante dois anos até decidir qual carreira seguir. A escolha se deu a partir da familiarização e apreço por estudar os conteúdos de Geografia durante esse período pós ensino médio, embora não tivesse o apoio da família na decisão de ser professora. Após prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em 2015, obteve nota para cursar Geografia-Licenciatura na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com ingresso no ano de 2016 e formatura em 2019. No ano de 2020 foi admitida por meio de contrato temporário com a Rede Estadual do RS, atuando até o presente.

Já a segunda entrevistada (formada em História) é natural de Salto do Jacuí/Rio Grande do Sul. Durante toda sua escolarização básica foi aluna de escola pública e a inspiração para a carreira profissional adveio das professoras do Ensino Fundamental. Cursou Ensino Médio-Modalidade Magistério na cidade de Júlio de Castilhos/RS e mudou-se para Santa Maria/RS em 1977 para realizar o estágio de final de curso. Por se tratar de um período ditatorial (1964-1985) não conseguiu transferência/inserção em uma escola do novo município e acabou não concluindo o magistério. Abandonou por anos a ideia de ser professora, dedicando-se ao setor industrial. Em 1989, com apoio da família, voltou a estudar, e, para tanto, apoiou-se

em materiais doados por cursos pré-vestibulares. Por meio do antigo vestibular da UFSM (PEIES), foi aprovada no curso de História, formando-se em 1995. O primeiro contrato foi em 2002, na cidade de São Martinho da Serra/RS e três anos depois conseguiu transferência para Santa Maria/RS, onde atua até os dias de hoje.

No que tange às entrevistas, a primeira ocorreu no dia 27 de julho de 2022, às 15h (sob sala virtual <https://meet.google.com/fkr-iemh-qmf>) e teve duração de aproximadamente 45 minutos. Já a segunda entrevista, deu-se no dia 29 de julho de 2022, às 19h (link da sala: <https://meet.google.com/kmg-shqt-kjd?pli=1&authuser=1>), estendendo-se por 1h15min.

Resultados e Discussões

Como escolher a docência como profissão? Como enfrentar desmotivações até mesmo de pessoas próximas quanto a uma escolha que te faz tão feliz? Quais são os caminhos percorridos até chegar frente a uma sala de aula? Essas questões precisam ser debatidas por meio da (auto)biografia das entrevistadas, entrelaçando-as, a partir de agora, com fundamentos teóricos.

Para Silva (2021) a função das narrativas não é apenas de contar histórias e transmiti-las através das pesquisas, trata-se de um momento em que o sujeito, ao narrar sua vida, se coloca como autor de sua própria história, portanto acredita-se ser extremamente necessário colocar as vozes de professores nesta pesquisa, pois não há ninguém melhor para relatar as dificuldades enfrentadas na carreira docente do quem vivencia essa realidade.

Muito se opina sobre o que é ser professor, inclusive por pessoas que não possuem noção do que representa estar em sala de aula, além disso, geralmente são apontados apenas os lados negativos da profissão e é por isso que se faz essencial ouvir de educadores o que a escola e à docência representam em suas vidas.

Giroto e Mormul (2019) destacam que a docência no Brasil tem sido desempenhada desde o início predominantemente por mulheres, em uma associação direta de que, por serem mães, teriam melhores condições para lidar com crianças. Tanto é verdade que, quando analisado o perfil do professorado brasileiro, 81% dos docentes de escolas regulares, técnicas e EJA são mulheres (BRASIL, 2020).

Ser professor é vivenciar desafios diários, inclusive no momento de escolha da profissão, em que muitos sofrem certo prejulgamento com o caminho que decide seguir. Desse modo, Gatti e Barreto (2009) ressaltam que os cursos de licenciaturas nunca estiveram entre os mais disputados, nem tão pouco entre os mais valorizados. Nesse mesmo sentido, Giroto e Mormul (2019) destacam que na análise da história da educação no Brasil, se verifica as dificuldades de a docência ser considerada uma profissão, e, portanto, digna de respeito e valorização.

De toda forma, durante a escolha profissional e formação inicial, o professor é o sujeito que escolhe a docência como uma expressão da vida, aceitando o risco de atuar no território da imprevisibilidade, isto é, nos diferentes espaços educativos possíveis (SANTANA, 2019). Além disso, o autor destaca que a formação do professor não acontece exclusivamente dentro da universidade ou nos estágios obrigatórios, mas também pelas vivências e experiências das situações da vida, construindo assim um jeito singular de ser professor.

Geralmente a universidade e a escola são vistas de forma dissociada, sendo a primeira o local de produção conhecimento e a segunda onde será aplicado, ou seja, há uma visão errônea de que a formação do professor se dá apenas dentro das paredes do ensino superior, porém ela ocorre também através das suas próprias vivências escolares e interações diárias com os alunos. Dessa forma, Silva (2019) destaca que a formação da identidade do professor



de Geografia, tanto na formação acadêmica, quanto através de sua trajetória de vida e profissão passam pela valorização de suas memórias, pois, quando narradas, elas se tornam expressões de um dado momento histórico, político e social que o sujeito vivenciou e que compõem o seu ser pessoal e profissional, implicando nas escolhas que ele fará ao se tornar docente e começar a atuar no ambiente escolar (SILVA, 2019, p. 262).

As expressões de um dado momento histórico a qual a autora se refere pôde ser vista na fala de uma das entrevistadas, que destacou como foi estudar no período da ditadura, dando ênfase ao fato de que os alunos de hoje em dia não possuem noção da liberdade que possuem. Vale destacar os apontamentos dados pela docente acerca da realidade escolar atual, a qual se tornou mais complexa no período pós pandemia, pois há grande dificuldade de sociabilidade entre os alunos e certo receio de cobranças para entregas de trabalhos, o que faz com que a docência seja um desafio cotidiano ao professor.

No que se trata de valorização da profissão sabe-se o quão grande é a desmotivação de muitos docentes, seja pelos baixos salários, pela atuação em áreas que não são as de sua formação ou pela falta de respeito de alguns educandos em sala de aula com os docentes. Nesse sentido, foi indagado às entrevistadas sobre o que as motivou a escolher a docência e em um dos casos o incentivo não veio da família.

A motivação da escolha pelo 'ser professora' veio para as entrevistadas por meio da inspiração em docentes que fizeram a diferença em suas vidas escolares. No entanto, acredita-se que todos que optaram por seguir a carreira docente, de uma forma ou outra já ouviram de algum professor/professora o quanto exercer esta profissão é difícil e que seria melhor escolher outro caminho para seguir.

Tanto é verdade que, essa desmotivação pode vir antes e após a finalização da licenciatura. No próprio ambiente escolar se verifica uma incredibilidade da profissão docente, conforme manifestado na fala da entrevistada mais jovem, cujo início da adaptação escolar, enquanto professora, foi marcado por comentários - de colegas - incentivando a desistência profissional, justificadas pela dificuldade das condições que a docência, no Brasil, apresenta.

Junto disso, a falta de ferramentas adequadas é um empecilho que desmotiva profissionalmente, especialmente à uma professora em início de carreira que está cheia de ideias que lhe são cortadas por falta de infraestrutura. Essa questão vem ao encontro das pautas elencadas por Carissimi e Trojan (2011) em relação à falta de condições de trabalho adequadas aos professores.

Ainda no que tange o início da carreira docente, cabe mencionar que há uma diminuição da realização de concursos públicos nos últimos anos e, mesmo quando ocorrem, há uma desproporcionalidade de vagas/região, direcionando a maior concentração de colocação profissional para as cidades maiores. No caso do Rio Grande do Sul, a maior parte das vagas, conforme Rauber (2021) é para a região metropolitana e cidades-chave, como Passo Fundo e Ijuí.

Isso implica na dificuldade da inserção e manutenção no mercado de trabalho, obrigando os profissionais a assumirem inicialmente contratos temporários, como é o caso de ambas as entrevistadas. No que diz respeito a essa questão, Macedo e Cabral Neto (2013, p. 168), denunciam ser uma estratégia governamental para a redução dos gastos públicos, por ser "menos oneroso para os governantes contratar um professor por um determinado período".

Ainda convém mencionar que atualmente, no caso do Rio Grande do Sul, há uma preocupação em não manter contratos com menos de 10h/semanais. Isso se deve porque, segundo informações da 8ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) à uma das entrevistadas, não convém (na lógica capitalista) o Estado manter tantos profissionais. Diante disso, sempre que há perda de horas/aula, a CRE busca uma nova colocação à esse



docente, ofertando-lhe vaga em mais de uma escola, outro município da região e/ou em disciplinas fora da sua formação acadêmica, desde que seja na mesma área, fato recorrente dentro das ciências humanas.

Não é obrigatória a aceitação de assumir um contrato com uma disciplina que não seja diplomado, mas na maioria dos casos os docentes acabam por aceitar essas incumbências, visando ter um retorno financeiro digno para sobreviver no Brasil inflacionado, e para não haver grande deslocamento de uma escola para outra. Assim, aumenta cada vez mais a dificuldade de inserção de novos profissionais, baixa a qualidade do ensino e dificulta o trabalho daqueles já contratados.

Em relação a essa questão, Araújo e Jann (2018, p. 39) apontam que “em meio à administração de diversos contratos o professor vai à busca de uma complementação salarial ou de outra ocupação”. Essa constatação deixa bastante nítido que o perfil atual da profissão sobrevive a um descaso por meio de um político e institucional que não valoriza os professores no Brasil, sobretudo no Rio Grande do Sul.

Dando ênfase ao que diz respeito aos professores não-formados em Geografia que lhe são ofertadas vagas para assumir a disciplina escolar, se nota que há um descaso não só com essa ciência, mas com diversas disciplinas da área das Ciências Humanas, visto que diversas vezes são assumidas por docentes com formação em outra área. Esse não é um retrato somente de hoje, já que antes mesmo de ser uma ciência ofertada para profissionalização nas universidades, já era uma disciplina escolar. Tal situação leva pontuar que os primeiros professores de Geografia não tinham formação na área (muitos eram advogados, engenheiros, médicos), visto que os primeiros cursos de formação de professores de Geografia no Brasil passaram a existir apenas na década de 1930, com a criação da Faculdade de Filosofia Ciências Letras de São Paulo em 1934. Só a partir de então começaram a ser formados os primeiros professores na área (GIROTTTO; MORMUL, 2019, p. 422).

Esse parâmetro histórico dá aporte para que seja notado algumas razões do porque a Geografia por muito tempo foi palco livre para um caráter patriótico, onde seus conteúdos serviram para a consolidação do almejado projeto de modernização na década de 1930. Além disso, ainda nos dias de hoje é vista como uma ciência mnemônica que decora estados/capitais, nome de bacias hidrográficas e formações geológicas/geomorfológicas de beleza cênica, que não faz crítica e nem problematiza/politiza situações. (GIROTTTO; MORMUL, 2019).

Se entende que, para que haja criticidade no ensino de Geografia e suas complexas relações sistêmicas é preciso olhar pelas múltiplas dimensões, o que “pressupõe a mediação de um professor com amplo domínio teórico-metodológico da profissão” (GIROTTTO; MORMUL, 2019, p. 423), cuja maior qualidade para o processo de ensino-aprendizagem da ciência geográfica é realizado por licenciados em Geografia.

Essa questão é pautada nas entrevistas, onde a licenciada em História afirma assumir disciplinas fora da sua formação acadêmica, para fechar a carga horária de 40h/semanais em um único educandário. Atualmente essa professora ministra cinco disciplinas: História, Geografia, Filosofia, Ensino Religioso e Mundo do Trabalho, fato que a sobrecarrega, pois são cinco planejamentos semanais para anos diferentes (os três anos do Ensino Médio). Além disso, quando questionada sobre a qualidade do ensino, a mesma afirma verificar uma deficiência, já que gasta muito tempo estudando conteúdos das áreas que não são de sua formação. Esse fato, além de sucatear ainda mais a educação pública, desgasta e desmotiva os docentes.

Ministrar aulas de Geografia com formação em História é recorrente e o contrário também ocorre. A professora mais nova também já ministrou a disciplina de História

para fechar a carga horária e explica a aceitação a fim de evitar maiores deslocamentos (atualmente a professora trabalha apenas com a Geografia, em uma única escola, do 6º ao 9º do Ensino Fundamental). Cabe aqui uma ressalva de que a universidade prepara o discente para atuar profissionalmente em termos de conhecimento, mas há uma lacuna no que diz respeito às burocracias encontradas dentro do mercado de trabalho que não é exposto, sendo só preenchido com a vivência profissional.

Em vista disso, Girotto e Mormul (2019) destacam que a ausência de professores formados na área, que não dominam os conteúdos, os processos de ensino e aprendizagem, elementos inerentes a formação do profissional professor de Geografia é uma situação indesejável, uma vez que cada área do conhecimento possui especificidades que precisam ser respeitadas.

Por último, mas não menos importante, cabe mencionar o tempo de planejamento, garantido na Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9394/96). Essa conquista reserva aos professores da rede pública um período para estudos, planejamento, elaboração/correção de tarefas avaliativas e afins, sendo um momento recomendado para o professor permanecer na escola, mas não frente ao aluno ministrando aulas. Ambas as entrevistadas afirmaram ter esse direito incluso nas suas jornadas de trabalho, somado ao seu saldo de horas/semanais. No entanto, há momentos extras, como reuniões, conselhos de classe, entrega de boletins e eventos escolares - festa junina, comemoração de dia das mães/pais, e afins - que elas são obrigadas a estar na escola fora dos seus horários pré-estabelecidos.

Conclusões

Ao longo da pesquisa, nos questionamos inúmeras vezes sobre a importância de haver condições adequadas para o desenvolvimento das práticas pedagógicas e o quanto a falta delas desmotiva os docentes. O método (auto) biográfico nos permitiu ouvir narrativas dos próprios professores, entender a forma como ocorrem suas relações com o ambiente escolar e a visível precarização do ensino.

O que nos chama bastante atenção é o fato de que mesmo profissionais com poucos anos de atuação já foram submetidos a ministrar disciplinas que não são de sua área, caso avaliado como negativo para o educador. A professora de História destaca a perda da qualidade do ensino ao ministrar disciplinas que não são as de sua formação, mas avalia essa tarefa como de grande valia para seu crescimento, pois, dessa forma pôde obter diversos conhecimentos que vão além da sua área.

Pôde-se notar que o professor contratado fica dependente das decisões do Estado e a fim de evitar grandes deslocamentos de escola decide aceitar outras disciplinas e conseqüentemente passam a realizar vários planos de aula, necessitando maior preparação para ministrar estes períodos, fato que sobrecarrega o docente.

Mesmo diante todos os percalços citados pelas docentes, ambas afirmam estar satisfeitas com a profissão. A professora com mais tempo de atuação diz sentir que suas contribuições fizeram a diferença e o fato de auxiliar na formação dos alunos é algo muito relevante. Já a educadora com dois anos de docência destaca que antes de chegar frente ao aluno e vivenciar a realidade escolar idealizamos muitas coisas e, assim, nos chocamos com as diversas burocracias que o sistema impõe, além das dificuldades da docência.

A partir do exposto, se espera ter contribuído para apresentar realidades teóricas e práticas referentes às nuances que se vivencia na escola do século XXI. Além disso, se incentiva a realização do exercício de oferta de palco (a partir de métodos autobiográficos) para os docentes inseridos na prática pedagógica relatarem suas denúncias, satisfações e

contribuições para o ensino de geografia no Brasil. A busca pela qualidade do magistério é uma luta constante e apresentar essa realidade é um desafio que a academia precisa se inserir e cumprir.

Agradecimentos

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão da bolsa de pesquisa.

Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, M. H. M. B. **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria.** Maria Helena Menna Barreto Abrahão (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ARAÚJO, V. C; JANN, M. Contratação de professores: entre a burocracia e a indiferença. **Revista Nuances: estudos sobre Educação.** ISSN: 2236- 0441. Presidente Prudente-SP, v. 29, n.3, p.37-54, 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020: resumo técnico [recurso eletrônico]** – Brasília : Inep, 2021. 70 p.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Palácio do Planalto, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 03 de ago. 2022.

CALDAS, A. R. do; **Desistência e Resistência no trabalho Docente: um estudo das professoras e professores do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Curitiba.** 173 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CARISSIMI, A. C. V; TROJAN, R. M. A valorização do professor no Brasil no contexto das Tendências Globais. **Jornal de Políticas Educacionais.** V. 6, n. 10, p. 57-69, 2011.

CASTROGIOVANNI, A. C; CALLAI, H. C; KAERCHER, N. A. (Orgs). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CAVALCANTI, L. de S. **Concepções teórico-metodológicas da Geografia escolar no mundo contemporâneo e abordagens no ensino.** In: SANTOS, L. C. P. etall. (orgs). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente.* Belo Horizonte: Autentica, 2010.

DA SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GATTI, B. A. & BARRETO, E. S. de S. **Professores do Brasil: impasses e desafios.** Brasília: UNESCO, 2009.

GIROTTO, E. D; MORMUL, N. M. O perfil do professor de geografia no Brasil: Entre o profissionalismo e a precarização. **Caminhos de Geografia, Uberlândia,** v. 20, n. 71, p. 420-438, 2019.

- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. **In:** NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 1992. p. 31-61.
- MACEDO, V. P. de; CABRAL NETO, A. Condições de trabalho docente: ângulos da situação em escolas da rede municipal de Natal. **In:** OLIVEIRA, D. A.; NETO, A. C.; VIEIRA, Livia F. (Org.). **Trabalho docente: desafios no cotidiano da educação básica**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- MARTINS, R. E. M. W. A formação do professor de geografia: aprendendo a ser professor. **Geosul**, v. 30, n. 60, p. 249-249, 2015.
- MENEZES, V. Das vidas vividas às vidas contadas: O método (auto) biográfico na formação docente em Geografia. **Metodologias e Aprendizado**, v. 4, p. 266-273, 2021.
- MENEZES, V. Ser-Estar-Fazer Docente: A epistemologia da prática do/a professor/a de geografia. **Revista Geografia (Londrina)**, v. 31, p. 319-337, jan. 2022.
- RAUBER, J.; BOHRER, M.; FONSECA, L. L. da. DE ONDE EU VINHA: nomeados e nomeadas para a docência nas redes municipais no Rio Grande do Sul - espacialidade dos/das professores/as de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 11, n. 21, p. 05–26, 2021. DOI: 10.46789/edugeo.v11i21.1046. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1046>. Acesso em: 3 ago. 2022.
- SANTANA, A. T; PEREIRA, M. V.. Da constituição da professoralidade ou como alguém se torna professor. **REVELLI-Revista de Educação, Língua e Literatura da UEG-Inhumas.**, 2019.
- SILVA, M. Narrativas autobiográficas e histórias de vida na formação do professor de Geografia. **Metodologias e Aprendizado**, v. 4, p. 258-264, 2021.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. p.145-155.
- VIANA, C. A; DE ALMEIDA, S. V. **As perspectivas e os desafios do início de carreira docente para os professores da rede pública municipal de Foz do Iguaçu**. *Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia*, v. 8, n.16. 2017.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
 CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA
 GCC965 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E CURRÍCULO ESCOLAR



QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO PARA A PROPOSTA “OS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA SE CHEGAR A DOCÊNCIA EM GEOGRAFIA: UMA NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA”

Mestrandas: Eduarda Caroline Brum e Josiane Oliveira de Campos

1. Informações gerais sobre histórico escolar:

- a) Cidade que iniciou a vida escolar? Qual ano de início e fim?
- b) Sua escolarização foi em escola pública ou privada?
- c) Como era o processo de ensino? Houve alguma motivação para a vida profissional?

2. Informações sobre caminhada acadêmica:

- a) Como foi o processo de entrada na universidade? Ano de início e fim? Qual instituição?
- b) Sempre “quis” ser professora? Como escolheu o curso?

3. Vida profissional docente:

- a) Como foi o processo de inserção na área profissional? Concurso ou contrato?
- b) Quantos anos de carreira na atuação docente?
- c) Como é sua relação com o ambiente de trabalho/demais colegas?
- d) A infraestrutura da escola é suficiente para realização do seu trabalho?
- e) Trabalha em quantas escolas? Quais séries/anos?
- f) Tem dia de planejamento?
- g) Trabalha com quais disciplinas?
- h) Atualmente, quais dificuldades você enfrenta como profissional da educação?
- i) Satisfação profissional?

4. Pergunta específica:

Licenciada em Geografia: Como você avalia o fato de professores com outra formação, que não seja em geografia, ministrarem aula da disciplina?

Licenciada em História: Como você analisa o fato de dar aula em uma disciplina que não seja a de sua formação? Quais foram/são as dificuldades enfrentadas?